DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇÃO EM GERAL,

OU

NOVO E SEGURO METHODO
De curar facilmente, por meio dos acidos mineraes, todas as especies de Febre;

PELO

DOUTOR GOTOFREDO CHRESTIANO REICH,

Traduzido do Alemão em Francez

PELO

DOUTOR MARC,

Tirado em linguagem, e ampliado com annotações

POR

M. J. H. DE P.

BAHIA:

NA TYP. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.

ANNO 1813.

Com as licenças necessarias.

He entre applausos que se começam a usar os remedios; o tempo e a experiencia aperfeiçoam depois suas vantagens, assim como vão mostrando seus inconvenientes.

Paiva, filho, Compendio das enfermidades venereas.

AOS LEITORES

D. P.

M. J. H. DE P.

HAvendo o doutor *Reich* asseverado, que descobrira hum methodo seguro de sanear facilmente todas as especies de febre, e que o guardava em segredo, hum dos seus amigos fallou nelle ao Barão de *Hardenberg*, ministro do Rei de Prussia, e este o participou ao Rei, o qual immediatamente lhe ordenou que chamasse a Berlim o doutor *Reich* para fazer as experiencias do seu secreto methodo curativo, sob a vigilancia e presidencia do Real Collegio de Medicina;

 Sen-

Sendo a resulta das suas experiencias curas estupendissimas, o mesmo Rei reconhecendo a utilidade, que podia provir deste descobrimento, comprou o segredo ao inventor com a clausula de o manifestar com todas as explicações necessarias para por-se em prática; o que com effeito cumprio na presente memoria, a qual he o summario fiel da nova doutrina das febres, e da sua curação em geral.

Doze e mais annos ha que esta memoria foi publicada de ordem do mesmo Rei pelo Real Collegio de Medicina de Berlim, a qual traduzida depois da linguagem Alemã na Franceza, pelo doutor *Marc*, publicou-se no quarto tomo das *Memorias da Sociedade medica da emulação de París*, donde eu a tirei em linguagem Portuguez, que agora offe-

re-

reço ao público com algumas annotações.

Prescindindo eu de avaliar o merecimento desta memória, sómente digo que comprehende duas partes, huma theórica ou a exposição systematica, a qual parecerá escura, e extravagante áquelles, que ignoram a Quimica moderna; e outra practica ou experimental, firmada em alguns feitos, remetendo-se o seu autor ás explicações mais amplas, e á Historia das enfermidades, que, segundo o seu methodo, curou, á outra obra, que publicou, e imprimio em *Nuremberg* no anno de 1800, com o titulo de *Casos das enfermidades.*

„ Não procurarei aqui, diz *Reich* §. LXXXI, de captivar „ a opinião dos medicos; eu lhes „ tenho exposto as razões, que me „ obrigaram a olhar ás febres sob

hum

„ hum novo ponto de vista; a e-
„ les toca discutir estas razões,
„ e ver se a experiencia as con-
„ firma. „ Nenhum medico pru-
dente, e que tenha lido alguma
cousa se intrometterá na discussão
da sua theoria, certo que esta de-
ve estribar na verdadeira experi-
encia, e que o uso dos acidos mi-
neraes nas febres, e noutras mui-
tas enfermidades, he antiquissimo,
e tão geral que até os medicos ex-
pectadores nominaes reconhecem
as suas virtudes, postoque as ta-
xem.

E porém, para desfazer e
taxa, era minha tenção que esta
memoria saísse á luz, acompanha-
da de hum summario chronologi-
co do uso, que os medicos tem f
to dos acidos mineraes, quer m
turados com agua, quer com o a -
cohol, e com as substancias aroma-
ticas, nas diversas enfermidades

d...

corpo humano; mas, além de
e tolher aquella minha tenção
uebrantamento das forças por
achaques continuados, faltam-me
os livros necessarios, que, em razão das minhas adversas circumstancias, não posso haver. Virá
tempo em que satisfazer possa os
meus ardentes desejos, e então
darei mais huma prova de que a
minha terra amei e a minha gente. Bahia 8 de Fevereiro de 1813.

DA-

DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇÃO EM GERAL.

---

§. I.

EXaminando-se accuradamente as diversas funcções do corpo humano, se respeitaráõ necessariamente como a resulta de *combinações quimicas*, combinações, que modificam incessantemente a materia organica.

§. II.

Para que estas combinações (§. I.) se effeituem, cumpre necessariamente admittir a existencia-

cia de muitos principios de natureza opposta, cuja acção reciproca de huns sobre outros seja perennal.

§. III.

Pertencendo pois as referidas combinações (§. I.) a huma Quimica, que poderia chamar-se *vital*, claro está que ellas forçosamente hão de ser mui varias; com effeito deve contar-se entre os elementos destas combinações a *assimilação* das materias hêterogéneas, a sua separação ou secreção, as differentes proporções das mesmas materias, olhadas respectivamente á qualidade e á quantidade: em fim, â differença dos mesmos orgãos, em que estas mudanças se effeituam.

Des-

§. IV.

Deste continuo movimento produzido pela reciproca acção dos principios oppostos (§. II.), resulta a *vida como fenomeno sensivel*, por tal que poderia definir-se por *huma inclinação continua das materias heterogeneas para a homogéneidade*, isto he, para a *assimilação* na substancia organica, que compõe o corpo vivente. Renovando-se todavia de continuo esta substancia pela materia que lhe subministram incessantemente as substancias alimentosas, e nutritivas, nunca póde effeituar-se a mudança em materia organica *constante*. Este circulo ou movimento perpetuo necessita das forças ou dos principios oppostos (§ II.), os quaes não pódem conceber-se sem a existencia de outra materia organi-

nica *primitiva*, donde conseguintemente corre que as forças pertencem essencialmente á materia. Passando dahi á applicação deste principio, diremos que as forças organicas, e os corpos organicos são identicos, e significam unica e absolutamente a mesma cousa, porquanto he impossivel de entender a sua existencia ilhada; quando pois se diz que as forças organicas constituem a organisação, quer dizer, que a organisação he constituida por si mesma. Sendo as faculdades organicas a resulta de combinações quimicas, a organisação que he tambem a resulta daquellas, será hum producto quimico, e igualmente todo e qualquer effeito da organisação, a saber, a força ou poder vital, a incitabilidade, a sensibilidade, a irritabilidade, a força productiva;

em

em summa tudo quanto póde reputar-se por causa, seja qual for o nome que a estes effeitos se dê.

§. V.

A *base da vida* estriba portanto na materia organisada, a qual passa a ser *organisante*, de sorte que a vida resulta como *fenomeno* do encadeamento da organisação. Não se deve comtudo confundir a base da vida organica com a primeira origem e fonte de toda a vitalidade; aquella demostra-se por hum argumento de analogia de semelhança, tirado da experiencia, em huma palavra pelos effeitos, ao mesmo tempo que a segunda escapando á observação, não temos nenhuns dados ácerca da sua natureza, e uni-

unicamente podemos fazer algumas conjecturas arriscadas.

§. VI.

Sendo as forças existentes no corpo humano a resulta de combinações quimicas (§. IV.), os effeitos destas forças serão tambem productos semelhantes; assique deve-se olhar os fluidos e suas mudanças ou alterações, dependentes da mesma lei; e como os solidos podem por ultima analyse ou decomposição, reduzir-se à os fluidos de que são compostos, esta lei lhes he igualmente applicavel. Entendendo eu aqui a palavra *fluido* no sentido mais amplo, comprehendo os fluidos liquidos, ou fluidos aeriformes ou em fórma de ar, e todos os fluidos conhecidos com o nome de *magne-*

gne-

gnetico, de *galvanico*, de *electrico*, &c. Pela palavra *quimica* entendo não só as combinações das moléculas da materia *inorganica* ou sem organisamento, mas tambem as que se fazem entre as substancias elementares, de cujo concurso procede a materia organica.

§. VII.

Corre direitamente dos principios expostos, que todas as mudanças e modificações, que no corpo humano póde haver, procedem das combinações quimicas das suas substancias elementares *constitutivas*; que a influencia destas combinações resurte ás forças intellectuaes, as quaes influem tambem nellas; visto que na organisação nada existe ilhado, mas tudo he reciproco e encadeado. Não

sen-

sendo este o lugar de provar a dita reacção das forças intellectuaes, contento-me de indicar aos observadores os fenomenos do galvanismo, cuja contemplação me guiou a estabelecello por principios.

§. VIII.

O corpo humano, que segundo o progresso geral da natureza, está exposto á influencia das forças quimicas, cuja acção consiste em reduzir as moléculas integrantes á homogéneidade, não poderia existir nem conservar-se *in statuquo* se a esta inclinação não se opposesse outra direitamente opposta, isto he, huma inclinação para a heterogéneidade: em quanto se conservar o equilibrio entre estes dous effeitos oppostos, o corpo humano permanecerá no mes-

mesmissimo, estado isto hé, vivirá; logo que o equilibrio se romper, ou ceder á inclinação das forças quimicas para a homogéneidade, no mesmo instante se quebrantarão as leis da quimica vital, obedecendo elle á fysica ou quimica dos corpos *inorganicos* ou sem organisamento, em huma palavra cessará de viver.

§. IX.

Devemos por tanto reputar todas as operações da quimica vital por outros tantos fenomenos, pelos quaes o corpo humano manifesta a sua *vitalidade:* estas operações, estes fenomenos são essencialmente distinctos daquelles, que a quimica dos corpos *inorganicos* offerece. Ambas as quimicas comprehendem as mesmas leis de af-

finidades electivas (1), mas a primeira differe da segunda em ser o *corpo animal* o seu centro, e em admittir por condição essencial a variedade dos principios, quando a quimica fysica abrangendo a natureza inteira, reconduz tudo á unidade.

§. X.

As importantissimas operações da quimica vital, são a *respiração* e a *nutrição*; a total cessação de huma ou de outra, produz a morte.

§. XI.

A respiração he a funcção mais essencial do corpo humano; todas as outras lhe são subordinadas e, como segundarias.

He

§. XII.

He por meio da respiração que o corpo humano decompõe o ar atmosferico, e que tira delle o *oxygeneo*, indispensavel á vida. Quer o oxygeneo entre pelos bofes ou pela pelle, quer obre immediatamente sobre o sangue, ou sirva unicamente para a combinação mais intima dos diversos fluidos depositados pelo sangue nas differentes partes do corpo, são questões estas, a meu entender, indifferentes, e só devemos aqui occupar-nos da acção do oxygeneo, cuja necessidade está bem provada!

§. XIII.

O oxygeneo não he a unica parte constitutiva do ar atmos-

ferico, o azoto he igualmente outra, não contando huma pequena quantidade de gaz acido carbonico, que, a meu ver, não se deve reputar por parte essencial do ar atmosferico (2).

§. XIV.

A quarta substancia, que serve para a combinação das precedentes (§. XIII.), e as retém em fórma de gaz, he o *calórico* de cuja existencia se duvidou ultimamente com o fundamento de não ser possivel apresentallo *ilhado*: com o mesmo fundamento se duvidaria da existencia de todas as substancias simples, as quaes conhecemos sómente pelos seus fenomenos, taes como as materias electrica, magnetica, galvanica, &c. He bem ver-

verdade , que ignoramos a sua *essencia* , e a ignoraremos sempre , do mesmo modo que a do *calórico* , do qual não percebemos a *sua existencia senão no momento da combinação com outro corpo opposto.* Todo fenomeno he já por conseguinte o producto de dois principios oppostos. Cada hum destes principios simples acha-se extincto no fenomeno , e identificado no producto ; por isso não póde perceber-se ilhadamente ; mas póde-se estar certo na sua existencia quando o dito producto póde ser analysado ou decomposto , e os principios achados nelle pela analyse ou decomposição , nunca se obtém ilhados na sua combinação com outros corpos. A esta quarta substancia , que retém , e conserva as outras no estado aeriforme

ou

ou em fórma de ar, e que he a causa do fenomeno *calor*, damos o nome de *calórico*; usamos deste nome, assim como daquelles de oxygeneo, de azoto, de carbonio, de materia electrica, &c. para nomear as substancias simples, ou que até ao presente não se poderam ainda analysar ou decompôr.

§. XV.

A quinta substancia constitutiva do ar atmosferico he a luz, a qual, assim como o *calórico*, parece ser huma modificação particular da electricidade. Prescindo desta questão, e deixo tambem para outro tempo muitas investigações sobre a natureza da combinação, que, na atmosfera, se faz entre o oxygeneo e o azoto, da qual não resulta o acido ni-

nitrico ; sómente advertirei que he possivel que este resultado não appareça em razão da grande afinidade, que entre si tem, 1.º a luz e o oxygeneo ; 2.º o calórico e o azoto ; 3.º a luz e o calórico ; talvez he preciso accrescentar-lhe o entre-meio de muitas substancias gazosas, que nos são ainda desconhecidas.

§. XVI.

O ar atmosferico não he respiravel senão quando o oxygeneo está nelle *frouxamente* combinado. . . Des o instante que se combina mais intimamente com qualquer gaz perde esta qualidade, ganhando immediatamente tal adherencia com a sua base, que não póde separar-se della no bofe.

A

§, XVII.

A respiração deve reputar-se pela mais simples operação da quimica vital, visto que a combinação do oxygeneo com o sangue, ou com as substancias gazozas, que se soltam e sepáram delle, se effeitua conforme as Leis de affinidade reconhecidas.

§. XVIII.

Como no acto da respiração sirva unicamente o oxygeneo, he natural perguntar-se porque a natureza derramára com tanta sobegidão na atmosfera huma substancia tão inutil a esta funcção como o azoto, e não lhe substituira o oxygeneo? Para responder a esta pergunta nos aproveitaremos de alguns principios precedentemen-

mente estabelecidos. Dissemos que todo o fenomeno era a resulta do effeito reciproco de dois principios oppostos (§. IV.), que a existencia de todo o movimento dependia da existencia de duas forças, cuja resistencia era mutua, e que sendo a vida hum movimento não podia tambem ter lugar senão por esta especie de luta entre os principios oppostos; os quaes reconhecemos por mais essenciaes nas duas partes constitutivas do ar atmosferico; nem o oxygeneo, nem o azoto se deve considerar hum com exclusão do outro, como principio vital, mas ambos são igualmente essenciaes á vida posto que exerçam funcções differentes; o azoto por ser abundantissimo e o mais universalmente derramado, deve reputar-se pelo *principio vital*, irritan-

tante, incitativo e positivo ou real; o oxygeneo ao contrario por principio vital moderador ou debilitante, temperante e negativo (3). Adiante apontarei os motivos, que me obrigam de attribuir ao oxygeneo esta funcção: o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão, que a natureza teve em não formar o ar atmosferico de oxygeneo sómente, e de ligar a nossa existencia com a respiração contínua, e em fazer toda a organisação animal, a alma, e o corpo dependentes dos nervos, os quaes não são destinados como se julgava, á secreção de huma fluido particular, mas servem de conductores do oxygeneo, e do azoto. Aquelles, que conhecem os feitos em que estriba o galvanismo, não duvidarão nada do destino do genero nervoso. In-

§. XIX.

Independentemente destes dois principios (§. XVIII.), existem tambem outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada; a conbinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de fallar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecem estas condições, e a sua união ou encadeamento fórma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organisação, e huma funcção, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta funcção só póde effeituar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, deve-

ve-se igualmente respeitar a nutrição como hum verdadeiro processo de quimica vital, pertencendo por conseguinte todas as secreções e excreções á nutrição, como operações quimicas secundarias.

§. XX.

Logo as substancias, que formam a materia das secreções e a das excreções obedecerão ás leis absolutas da affinidade quimica; as quaes postoque sejam firmes e invariaveis, podem padecer no corpo humano algumas variações por differentes causas.

§. XXI.

Quando as leis de affinidade forem modificadas de maneira que resulte o perfeito equilibrio entre

as

as diversas funcções do corpo humano, este gozará do estado de saüde; tanto que este equilibrio se romper, ou as causas externas forçarem estas leis a seguir hum curso opposto áquelle da *vitalidade*, e avisinhar-se tambem ao da quimica *inorganica*, desde esse momento a enfermidade succederá á saüde; quanto mais prompta esta desordem for, tanto mais rapida e notavel será a mudança, que se lhe seguir.

§. XXII.

Quer estas materias, incapazes de ser sujeitas á acção da quimica vital, cheguem direitamente ao corpo, quer ellas sejam alli separadas das substancias alimentosas, quanto maior for a sua quantidade, tanto mais

prom-

prompta será esta mudança, neste caso serão nocivas por *excesso de irritação.*

§. XXIII.

E como as leis da quimica vital podem, segundo as da organisação, ser actuadas pela reacção das forças intellectuaes (§ VII.), qualquer modificação destas poderá mudar o estado da saúde no de enfermidade, e reciprocamente.

§. XXIV.

Quando a nutrição padece alguma modificação doentia, percebe-se immediatamente nas secreções: este fenomeno me obrigou a reputar as secreções por huma operação segundaria.

§. XXV.

A influencia do estado de saüde, ou de enfermidade sobre o das secreções e das excreções, está provada evidentemente pela differença, que se observa entre os productos de ambos os estados oppostos.

§. XXVI.

He principalmente nas febres que esta differença (§§. XXIV., e XXV.) se observa com maior facilidade: os productos das secreções e das excreções contém então mais ou menos substancias, que não deveriam conter no estado de saüde; a urina, as fezes, a respiração, as feições do rosto, o sangue, o fel, todo o corpo padecem alterações, que não escapam ao práctico, mor-

men-

mente áquelle, que olha a organisação sob o seu verdadeiro ponto de vista, e debaixo da sua *relação quimica.*

§. XXVII.

No estado de saüde, as secreções e as excreções conservam entre si tal proporção, que resulta dahi o equilibrio geral. Nas febres, ao contrario, não ha esta proporção, e, por consequencia este equilibrio necessario, em que, a meu ver, cõnsiste a saüde: como, em ambos estes estados, as secreções e as excreções não são mais do que decomposições e combinações de materias, que affeiçoam o corpo vivente por diversas maneiras, julgo que não se póde comparar melhor a união e encadeamento destas operações

do

do que com a *fermentação.* E não sendo a febre senão o effeito das excreções e das secreções modificadas differentemente do que aquellas, que no estado de saüde observamos, esta comparação lhe he igualmente applicavel. A natureza das secreções e das excreções deve por tanto ser a regra pela qual devemos ajuizar do *estado febril*; e se o estado de saüde consiste na decomposição e combinação das substancias contidas no mesmo corpo, ou recebidas de fóra continuando o *equilibrio geral*, o estado de febre deve consistir na decomposição, e combinação doentia destas mesmas substancias, descontinuando o *equilibrio geral.* Em summa, no primeiro caso teremos a *fermentação natural*, no segundo a *fermentação preternatural.*

§. XXVIII.

Não percamos o ponto de advertir que quando nos servimos da palavra *fermentação* para declarar certa ordem de combinações acontecidas no corpo humano, quer no estado de saüde, quer no de enfermidade, não pretendemos que esta ordem de combinações se effeitue do mesmo modo do que na fermentação dos corpos *inorganicos*; nós reconhecemos, ao contrario, que as diversas faculdades de que goza o corpo cheio de vida, modeficam esta ordem de combinações de hum modo particular, indaque as leis de affinidade sejam as mesmas, e entendemos que qualquer producto obtido na fermentação *inorganica*, jamais poderá ser argumento fundamental para preten-

der-

der-se outro producto semelhante na fermentação organica, postas as mesmas circunstancias.

§. XXIX.

Sendo a enfermidade em geral huma modificação do estado de *vitalidade* (§. XXI.), a febre, que he hum genero de enfermidade, será huma modificação *particular* deste mesmo estado de *vitalidade*, e a palavra *febre* será a expressão generica, que designará esta modificação.

§. XXX.

Designando a expressão *febre* huma forma particular, commum a todas as enfermidades, que se chama *febres*, todas ellas se assemelharão por esta forma commum.

§. XXXI.

A esta forma commum (§. XXX.) chamaremos carecter generico, o qual deve ser mais apparente e realçado, e achar-se em todas as especies particulares de febres.

§. XXXII.

Assim (§. XXXI.) deve ser em virtude deste axioma tão conhecido, *que o que comvem ao genero, deve convir a especie*, o que não he reciproco.

§. XXXIII.

Todas as febres, desde a *efemera* ou diaria simples até á peste, não são mais do que differentes especies de hum genero commum; e, para que seja boa a

de-

definição da febre, deverá comprehender o seu caracter generico (§. XXX).

§. XXXIV.

¿Mas em que consiste este caracter generico (§. XXX.)? Por mais difficil que a sua comprehensão pareça, entendo que se póde conseguir pela numeração exacta dos fenomenos da febre.

§. XXXV.

A experiencia nos ensina em primeiro lugar que tudo o que perturba a proporção, que deve haver entre os dous principios da *vitalidade* (§. XVIII.) e as substancias tanto simples como compostas existentes no corpo, produz a fermentação doentia (§.XXVII.),

e

e os symptomas, que caracterisam a febre.

§. XXXVI.

Estes symptomas consistem na maior ou menor mudança das secreções e das excreções; mudança originada da cessação da devida proporção das diversas substancias, que obram no corpo humano tanto externa como internamente. Esta cessação procede da diminuição do oxygeneo, quer ella seja real, quer proceda do gasto e consumo extraordinario deste principio.

§. XXXVII.

Deve-se pois dizer que o caracter generico da febre, he a decomposição e *recomposição* preternatural das moléculas elementares do corpo humano produzidas pe-

la

la diminuição total ou relativa do oxygeneo local ou universal. Pela expressão *preternatural* não pretendo designar *nada*, que seja contrario ás leis geraes da natureza, o que implicaria contradicção, vista a sua impossibilidade, mas sim huma tal combinação como a proporção dos elementos da qual resulte alteração do ëstado de saüde.

§. XXXVIII.

A diminuição do oxygeneo pode provir de causas *externas* ou *internas*.

§. XXXIX.

As causas *externas* são as constituições ou temperaturas nocivas da atmosfera, as diversas especies de miasmas e de *virus exan-*

the-

thematicos, cujo effeito no corpo humano he a mudança da devída proporção, que existe entre o oxygeneo e as outras substancias, e a formação de outras ordens de combinações.

§. XL.

Independentemente das referidas causas (§. XXXIX.) tudo o que for capaz de impedir e atalhar o progresso da fermentação natural, que incessantemente se effeictúa no corpo, deve contar-se no numero destas causas. Aquelles, que conhecem a influencia da temperatura do ar, da electricidade na fermentação *inorganica*, não duvidarão do que assevero ácerca da fermentação organica.

§. XLI.

A febre pode tambem originar-se de todas as causas internas preexistentes no corpo, ou que podem nelle desenvolver-se.

§. XLII.

Os solidos do corpo humano estão sujeitos á acção das sobreditas causas, tanto internas como externas (§. XXXIX, XL, e XLI), entre as quaes cumpre contar a reacção intellectual (§. VII), a qual perturbando as funcções dos musculos, dos nervos, dos vasos, &c, produz o fenomeno, que chamamos *febre*.

§. XLIII.

Das differentes explicações, que

que acabamos de fazer, parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeneo introduzido no corpo, ou na combinação doentia deste principio, ou na accumulação e soltura das substancias simples, taes como o azoto, o hydrogeneo, o carbonio, o enxofre, o fosforo; ou alfim, em todas as conbinações possiveis destas substancias, quer entre si, quer com as substancias externas capazes de as modificar, como o calórico, a luz, a materia magnetica, electrica, &c.

§. XLIV.

Cada huma destas substancias (§. XLIV) póde occasionar mais ou menos o estado, que

chamamos *febre*; o fôco em que a sua acção se desenvolver, a natureza da acção, a maneira como a incitabilidade das partes organicas for ahi affeiçoada, são cousas, que podem variar, e por tanto, constituir as differentes especies de febres. No tocante á determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, he o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

§. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exacção deste nome, que a proporção do oxygeneo com as outras substancias do corpo humano, não seja como no estado de saúde:

acon-

acontece neste caso por causas moraes ou fysicas que as ditas substancias excedem ao oxygeneo, tanto separada como collectivamente.

§. XLVI.

Quanto maiores forem as forças das faculdades organicas para restabelecer aquella proporção de oxygeneo da qual resulta o perfeito equilibrio, tanto mais facil será a curação desta ou daquella especie de febre; e para que esta cura se consiga será preciso supprir a falta de oxygeneo com as devidas cautélas, a fim de não lesar alguma entranha necessaria á vida.

§. XLVII.

O oxygeneo deve ser o efficacissimo meió de curar a febre, por

por quanto seja qual for a causa proxima desta enfermidade, a causa primitiva he sempre a falta absoluta ou relativa de oxygeneo (§. XXXVII). No caso de ser relativa a falta do oxygeneo, póde fazer-se mui bem que a sua quantidade seja maior do que a necessaria para manter o equilibrio de que resulta a saüde, mas então acha-se combinado com diversas bases *oxydaveis* ou *acidificaveis*, das quaés não póde separar-se mais, e em tal caso estas bases obram como potencias irritantes. Se alguem pois se maravilhar do que tenho dito ácerca do oxygeneo rogo-lhe que pondere com madureza as considerações seguintes :

1.º Todas as substancias conhecidas, simples ou compostas, tem huma inclinação conti-

tinua para se combinarem com o oxygeneo preferindo-o a outro qualquer corpo, sendo reciproca esta inclinação.

2.º A dita inclinação não he prova de ser o oxygeneo essencialmente opposto ás mesmas substancias, por quanto as queima sem nunca poder ser queimado.

§. XLVIII.

Sendo as febres originadas da falta do oxygeneo (§. XXXVII), não pódem remediar-se senão subministrando aos enfermos este principio; mas como he impossivel de obter-se só e ilhadamente, cumpre escolher aquellas substancias com que está mais pura e simplesmente combinado, em huma palavra aquellas, que tiverem expe-

perimentado a mais complecta combustão; estas pois são os acidos.

§. XLIX.

Todo o acido he huma substancia queimada pelo oxygeneo, e composta delle e de huma base acidificavel: des o instante da sua combinação, estes dous corpos não são já os mesmos, que dantes eram mas sim hum terceiro corpo, no qual se acham confundidos, e que chamamos *acido*. Quanto mais prevalecer neste producto o oxygeneo, mais proprio será para a curação da febre.

§. L.

De todos os acidos, os mineraes são os mais saturados e far-

fartos de oxygeneo; além disso, possuem a importante propriedade de se oppor segura e promptamente á excessiva desenvoltura do calórico; e portanto deve-se usar delles com preferencia aos outros medicamentos.

§. LI.

Talvez se faça a isto (§.L.) huma objecção, e he que, não sendo hum acido o oxygeneo, he até hum corpo em que este está tão intimamente combinado, que não póde separar-se facilmente, e por tanto parece que não deve produzir o effeito esperado ou promettido, conforme a minha theoria; isto he, do oxygeneo livre e separado. Ora a esta objecção occorrerei unicamente com os seguintes feitos:

Lo-

1.° Logo que se combina qualquer acido com outra substancia, effeitua-se huma verdadeira combustão, a saber, esta substancia tira-lhe o oxygeneo: reputamos a dita combinação por huma verdadeira combustão, por quanto combinando-se hum acido mineral com as materias animaes, ou vegetaes obtem-se o mesmo producto, que resulta da combustão, a qual he mais ou menos viva, mais ou menos complecta, conforme a maior ou menor força do acido; em todos os casos porém ha sempre combinação do oxygeneo,

2.° O mesmo producto deve haver no corpo humano; des o momento que hum acido se introduz nelle, combina-se com as substancias, que encerra, e

as queima, segundo o acido he mais ou menos diluido na agua, ou noutras substancias, e conforme o maior ou menor gráo da temperatura do corpo humano: tenho que as substáncias, que não se podem decompôr pela quimica experimental, como o acido muriatico, se decomporão no mesmo corpo vivente, porque o muriato de soda ou sal marinho parece ser de absoluta necessidade á raça humana, e a sua base hum dos elementos do seu corpo, posto que nos seja desconhecida (4).

§. LII.

Havendo asseverado (§. L.) que os acidos mineraes possuiam a propriedade util de oppor-se rapidamente a excessiva desenvoltu-

tura do calórico, cumpre fazer aqui alguma explicação para não parecer contradictorio com o que a experiencia ensina a este respeito. Primeiramente advirto que nunca podem administrar-se os acidos mineraes como remedio no seu estado puro e concentrado, e que carecem sempre de outras substancias, que diminuam a sua força, ou os diluam e lhes sirvam de *vehiculo* ou *excipiente*. Quando o acido se combina com os fluidos organicos, o calórico desenvolve-se e combina-se com a substancia empregada para diluir o acido, a qual tem huma grande inclinação para sorver o calórico, que ella perdera na sua primeira combinação com o acido. O calórico huma vez combinado, não póde mais separar-se ou restituir-se ao estado de liber-

dade, que constitue o que chamamos *calor febril secco*, mas deixa o corpo e sáe pela via natural das secreções e das excreções.

§. LIII.

Sem embargo de ter mostrado (§. XIV.) o que se deve ajuizar da objecção daquelles, que reputam o calórico, o oxygeneo, o azoto, e o hydrogeneo por entes hypotheticos ou suppostos; todavia torno ao mesmo assumpto, porque nunca ha sobegidão, a meu entender, no que se diz ácerca das verdades fundamentaes da sciencia. Verdade he que a natureza destas substancias nos he desconhecida, visto que a sua existencia só he manifestada no momento da sua combinação com outra substancia opposta; o feito

po-

porém mostra ser muito possivel não conhecermos huma substancia, indaque na verdade exista; e todas aquellas de que acabamos de fallar estão neste caso, sendo com tudo real, mui verdadeira e conhecida a sua existencia no instante em que se combinam entre si, ou com outros corpos. No tocante ás provas remetto-me á complecta analyse ou decomposição dos gazes compostos do calórico commum e opposto a todos, e da sua particular base; á decomposição da agua nos dous gazes, a saber, o oxygeneo e o hydrogeneo, os quaes novamente combinados produzem a mesma quantidade de fluido liquido; á decomposição do ar atmosferico, composto de oxygeneo e de azoto; finalmente á dos acidos formados todos de oxygeneo

e

e de huma base acidificavel. E termino dizendo que a

1.° *Hypothese* he huma supposição ou conjectura que se faz para conseguir certas resultas, as quaes podem ser verdadeiras ou falsas, segundo a verdade ou falsidade dos calculos, isto he, segundo estes são ou não conformes á natureza das cousas. Assimque a hypothese não suppõe essencialmente feitos.

2.° *Theoria*, ao contrario, he sempre huma enfiada de feitos assaz contestados e coordinados; a qual póde alterar-se, visto que o systema dos nossos conhecimentos póde crescer e engrandecer-se. Os feitos porém são sempre existentes, e hum

fei-

feito bem examinado, he huma verdade eterna.

§. LIV.

Sendo pois a theoria (§.LIII.2) a enfiada de feitos, póde servir para aclarar tal ou tal ponto escuro desta ou daquella sciencia. Aqui, por exemplo applicamos a theoria da quimica moderna á medicina practica: Ora se a experiencia nos provar que a cura de todas as febres depende do restabelecimento da conveniente e devida proporção de oxygeneo, e que por conseguinte os acidos são as substancias a que deve dar-se a primazia, necessaria e forçosamente concordaremos na exacção e utilidade desta applicação.

§. LV. e LVI.

Havendo considerado a febre como huma especie de fermentação, durante a qual, certos elementos do corpo se apartavam huns dos outros, e formavam outras ordens de combinações (§. XXVII), deve nella acontecer alguma cousa semelhante aos fenomenos da fermentação fysica, salvo com tudo as modificações que as condições da vitalidade lhe devem dar.

§. LVII.

Ora sabendo nós que a fermentação fysica póde ser modificada por certas circumstancias, como a maior ou menor temperatura, a addição de materias capazes de a excitar ou enfraque-

cer, devemos crer que a febre póde igualmente ser acompanhada de certas circumstancias; que favorecem ou suspendem o restabelecimento do equilibrio.

§. LVIII.

Assim como o producto da fermentação fysica não se effeitúa de hum jacto, mas d'espaço e em tempo limitado, assim tambem a febre, que he producto da fermentação organica, se desenvolve e termina em certo espaço de tempo, que a natureza determina.

§. LIX.

A fermentação *inorganica* ou fysica corre necessariamente os diversos gráos da *escala da fermentação* primeiro do que chegue ao

que

que a constitue producto, no qual ella pára; a febre tambem corre necessariamente os differentes gráos da sua escala antes de chegar ao seu termo, e de acabar e extinguir-se com o seu producto, que he a *crise*; a massa febril póde achegar-se mais ou menos a este derradeiro gráo da escala da fermentação, e por conseguinte ser mais ou menos prompta e feliz a sua terminação: Ora he sabido que ha meios de aproximar a massa febril a este ultimo gráo, isto he, de apressar a fermentação organica; sendo por tanto a curação da febre mais ou menos breve, segundo os meios de que se usar. De mais tendo eu dito tambem que a terminação da febre dependia do restabelecimento da conveniente e devida quantidade de oxygeneo (§. LIV);

to-

tódos os mêios que forem azados para cooperar a este fim deverão antepor-se a outro qualquer.

§. LX.

Guiado eu pelos sobreditos principios; convencido intimamente da applicação indispensavel do galvanismo á explicação dos fenomenos do corpo animal, tanto no estado de saüde como de enfermidade, que tem relação com o movimento; ensinado pela multidão de experiencias galvanicas que as funcções das partes organicas se mantém unicamente pela continuada e reciproca acção das forças oppostas, acção de que o oxygeneo e as substancias acidificaveis me parece ser a causa, considerando, além disso, que os acidos podem até chegar a destruir a *incitabilida-*

da-

dade; conduzido emfim pela observação diaria do instincto dos febricitantes, que os faz sollicitar os acidos e todas as substancias fartas de oxygeneo, e sabendo o feliz uso, que delles se tem feito em todos os tempos, postoque não se tenha discorrido sobre a causa destes successos; eu tinha sobeja razão de reputar os acidos mineraes por medicamento o mais azado para a cura complecta das febres, e até de presumir que com elles conseguiria resultas igualmente favoraveis, empregando-os nos ultimos periodos das febres onde a morte parece proxima; periodos em que nenhum medico pensou em os administrar (5).

§. LXI.

Autorisáva-me particularmente

te a ter esta esperança (§. LX) por bem fundada a identidade ou semelhança do periodo, que, a meu entender, ha nas febres sem lesão essencial de *orgãos*, sejam quaes for as suas modificações accessorias. Com effeito se não perdemos o ponto do que dissemos ácerca do derradeiro gráo de fermentação doentia, ver-se-ha que, sendo este sempre o mesmo, o perigo que elle essencialmente constitue, he tambem sempre o mesmo. Quanto mais a materia organica corre com velocidade os differentes gráos da escala, tanto maior he o perigo; e tanto menor, quanto he menor esta velocidade. Este progresso rapido ou vagaroso procede da influencia maior ou menor das causas internas e externas, e das affinidades mais ou menos repetidas,

que

e se effeituam entre as partes elementares do corpo vivente.

§. LXII.

Primeiro do que tudo tratava-se de determinar a quantidade dos acidos, que podia sem risco dar-se. Como o meu corpo era já avezado a muitas experiencias de quimica e de galvanismo, deliberei-me a experimentar nelle os effeitos dos differentes acidos, começando pelo acido *sulfurico* ou vitriolico, em razão de ser o mais forte, e de haver-se em todo o tempo usado internamente com felicissimos successos; gozando, além disso, da propriedade de decompor-se facilmente pelo carbonio e o hydrogeneo numa temperatura subida. Comecei a tomallo em pequena quantidade augmentando-a pou-

pouco e pouco por gráos; emfim, o que me pareceo incrivel, se eu o não experimentasse, cheguei a tomar huma onça (*seis oitavas e meia e doze gráos do pezo Portuguez*) de acido sulfurico concentrado no espaço de huma hora, numa indigestão que causei de proposito. Não experimentei mais do que grande tezura na região do ventre, acompanhada de copiosa ventosidade que saía por cima, e no dia seguinte, depois de passar a noite inquieta e perturbada por sonhos, descomi muitas fezes aguacentas. Nesta experiencia tive o cuidado de diluir e enfraquecer o acido sulfurico em muita agua.

§. LXIII.

Passado algum tempo depois

des-

desta experiencia (§. LXIII. 11 de Dezembro de 1796.) tive occasião de ver huma enferma com todos os signaes de morte proxima, a saber, soluços, sobresaltos dos tendões, carphologia. (6) Reputando todos elles por outras tantas convulsões galvanicas, produzidas pela desenvoltura de substancias oppostas ao oxygeneo, restribado eu na resulta de alguns experimentos feitos nos animaes, entendi que poderia diminuir esta extrema *incitabilidade*, offerecendo ás ditas substancias destructivas o entremeio de huma combinação facil.

§. LXIV.

Deliberei-me por tanto a dar o acido sulfurico concentrado, misturando com gottas delle cem duas

par-

partes de agua, e para evitar o assobio, que faz quando se lhe bota agua, assobio, que amedrontaria a enferma, o misturei com sufficiente quantidade de agua e de xarope de framboesa, e o dei á enferma, mas o revessou logo, e por isso o dei depois em duas doses de cincoenta gottas cada huma. Como não o vomitou mais dei as cem gottas em cada huma das duas doses ultimas, que lhe fiz tomar.

§. LXV.

O ventre da enferma estava extremamente ventoso, o que procedia, a meu ver, da desenvoltura notavel de gazes mistos, motivo que me determinou a experimentar a applicação de hum meio externo capaz de modificar

estes gazes; e conhecendo eu os felizes successos dos clisteis com vinagre nos casos de malignidade; deliberei-me de experimentar outro meio semelhante, a saber, hum clister de acido muriatico ou marinho diluido em agua, com preferencia ao acido sulfurico, já por ser mais fraco e mais volatil do que este, e já porque, separado em fórma de gaz, se combina facilmente com os outros. Mandei pois botar-lhe hum clister de agua quente com quarenta gottas de acido muriatico, o qual provocou hum copioso curso, acompanhado de muitos flatos de que resultou notavel allivio: este decidido e real melhoramento me animou a dar segundo clister, cujas consequencias corresponderam ás minhas esperanças, ficando salva a enferma do

eminentissimo perigo no espaço de algumas horas.

§. LVI.

Animado eu por huma cura tão maravilhosa (§. LXV.), repeti a mimha experiencia com as devidas cautelas em infinitos casos, e tive occasião de convencer-me pela practica a mais feliz, que nenhuma enfermidade conhecida com o nome de febre, resiste aos *acidos mineraes* applicados como medicamentos, que a cura se effeitua em brevissimo tempo, sempre que não ha lesões organicas essenciaes; e nem o medico nem o enfermo commette erros.

§. LXVII.

Muito tempo ha que eu usava do acido sulfurico, segundo já disse (§. LXII, LXIII, LXIV), mas vendo por experiencia que os enfermos muitas vezes o recusavam, que a sua acção era assás lenta, impedindo-lhe a sua pouca volatilidade ceder ſacilmente o seu oxygeneo; que algumas vezes produzia incommodidades no estomago, deliberei-me, depois de inſinitas ponderações, a substituir-lhe o *acido muriatico*, no qual descubria a util propriedade de volatilisar-se mais do que todos os outros acidos, além de poder dar-se em quantidade muito maior do que o acido ſulfurico: e havendo conseguido com elle na practica eſſeitos tão felizes como com este ultimo, não hesito em re-

recommendallo com preferencia a todos. Permitta-se-me de advertir que estou admirado de nunca se cuidar em investigar quaes podiam ser as utilidades do uso do acido muriatico, sendo elle 1.º de sabor mais agradavel, e os enfermos não o recusarem tanto como o acido sulfurico; 2.º sendo o mais volatil de todos; 3.º Constituindo com a soda ou *alcali mineral* hum sal necessario e indispensavel ao homem, *qual he o muriato de soda ou sal marinho*, que a maior parte dos animaes busca com ansia, e que he abundantissimo na natureza: e como tudo tem hum fim, eu o reputo por importantissimo á economia animal. Não responderei agora ás objecções, que poderiam fazer-se á cerca de não poder decompor-se o acido muriatico nos labora-

to-

torios quimicos : no tocante a isto, remetto-me ao (§. LI.) (7)

§. LXVIII.

Sendo pois conformes á natureza das cousas os fundamentos, em que me restribo, para recommendar os ditos acidos em todas as especies de febres, eu devia conjecturar que se tiraria igual utilidade dos outros acidos mineraes, dados nas mesmas circunstancias; com effeito a experiencia converteo a minha conjectura em certeza. O primeiro que experimentei foi o acido nitrico com o qual consegui effeitos estupendissimos, particularmente nas dysenterias, nas diarrheas chronicas e dolorosas. Sem embargo disso tenho-me abstido do seu uso em muitas circunstancias, 1.° por

ser

ser menos volatil do que o acido muriatico ; 2.º por não poder decompor-se inteiramente, e formar com o azoto o acido nitroso a porção de oxygeneo separada ; o qual acido nitroso, segundo a engenhosa theoria de *Mitchel*, differe pouco dos effluvios de que se originam as horrendissimas enfermidades epidemicas ; 3.º emfim por haver observado muitas vezes que o seu uso causava aos doentes huma notavel inchação ventosa. (8) Tenho usado tambem do acido fosforico em alguns casos urgentes, mas com elle não obtive successos assás notaveis, talvez por ser o mais fixo de todos os acidos: demais a sua carestia obstaria ao seu frequente uso (9). As resultas do acido muriatico oxygenado foram muito mais felizes, mormente nos casos de subita ces-

sa-

sação de oxygeneo, como no estado modorrento. Todavia não creio que mereça preferir-se ao acido muriatico por conter este realmente muito menos oxygeneo do que aquelle. Não fallo dos acidos vegetaes, indaque des largo tempo a sua utilidade seja reconhecida nas benignas enfermidades febrís: nem assento que deva prescreverse estes acidos nas febres hum pouco graves, visto que contém grande quantidade de hydrogeneo e de carbonio (10).

§. LXIX.

Ora para que todos os referidos acidos (§. LXII. até LXVII. incluso) obrem com maior efficacia, convém applicallos immediatamente aos orgãos geraes da nutrição, isto he, ás vias da diges-

tão:

tão : no estomago he que a sua acção tem maior energia, e depois no canal das tripas por meio de clisteis. A sua applicação á pelle offerece tambem grandes utilidades; usa-se delles já em banhos, já em fomentações, tendo a cautéla de os diluir e enfraquecer em sufficiente quantidade de agua.

§. LXX.

Antes de expôr mais circunstanciado o modo de administrar os acidos, julgo necessario responder a huma objecção, que poderia parecer bem fundada, e he: ¿se ha meios conhecidos e certos de sanear as differentes especies de febres, para que se ha de recorrer aos acidos? Estes meios, cuja efficacia está contesta-

tada pela experiencia, são além disso huma prova de que os acidos não são tão necessarios e indispensaveis como se pretende. A esta objecção respondo que 1.° todos os medicamentos atégora usados contra as febres são substancias mineraes mais ou menos acidificadas (azedadas), ou vegetaes mais ou menos ricas de oxygeneo livre, ou de oxygeneo combinado: o que dissemos a traz sobre a utilidade das substancias mineraes acidificadas, e ácerca das vegetaes fartas de oxygeneo livre, isto he, dos acidos nos dispensa de entrar em novas explicações. Unicamente resta-nos explicar o modo como os vegetaes fartos de oxygeneo combinado, isto he, de oxygeneo, que faz parte constitutiva do seu ente, podem curar a febre; 2.° tenha-se presente o

que

que tambem dissemos (§. XVIII) que o oxygeneo entrava como principio negativo na organisação do corpo animal , no qual estava numa especie de conflicto contínuo com os principios oppostos ; devendo entender-se igualmente a respeito do corpo vegetal que he tambem organisado , como todas as experiencias comprovam ; 3.º os experimentos de *Fourcroy* demonstraram que a quina contém muito oxygeneo : as cascas indigenas com que a quina se tem substituido para o mesmo fim contém igualmente o oxygeneo ; o qual , segundo as minhas experiencias , existe nellas na razão directa da sua densidade. As plantas aromaticas e os seus productos indirectos , a saber , as resinas , os oleos volateis , ou ethereos , os espiritos , sobre tudo o alcohol , os ethe-

res

res e o alcanfor encerram muito oxygeneo combinado, assim como o opio. Em summa toda a natureza vegetal offerece diversos gráos de oxydação, que escapam á decomposição quimica dos nossos laboratorios, mas que não resistem aos poderosos menstruos do laboratorio da natureza (11). Estou pois inclinado a crer, e realmente creio que os nossos orgãos decompõem o oxygeneo, combinado dos vegetaes; creio tambem que os medicamentos, que constam de principios oppostos ao oxygeneo, podem effeituar a cura das febres, combinando-se com as substancias do corpo humano, e penso que he desta maneira que obram os irritantes volateis usados com utilidade nas febres; 4.° postoque estou mui longe de negar a possibilidade da decom-

po-

posição do oxygeneo combinado, como póde acontecer que a natureza não se ache nas circunstancias favoraveis de effeituar esta decomposição pela falta absoluta ou relativa de oxygeneo, penso que he infinitamente mais prudente usar dos meios, que supprem immediatamente a dita falta de oxygeneo. Ora se na vida commum se demanda e segue a via mais direita e a mais singela, porque não se practicará o mesmo na medecina.

§. LXXI.

Concordo todavia em que podem existir casos, nos quaes sería mais prudente administrar os medicamentos, que obram *mediatamente* do que aquelles cuja acção he immediata. O vomitorio,

por

por exemplo, as purgas, os clisteis podem muitas vezes antepor-se a outro qualquer medicamento, vistoque provocam a evacuação de materias cuja demora desenvolveria incessantemente hum novo irritante febril. Os banhos e as fomentações podem igualmente concorrer para a cura das febres, produzindo o equilibrio do calórico necessario em toda a economia animal. Precedentemente declarámos o modo de augmentar pelos acidos a sua efficacia. Proponho-me alfim a publicar huma obra na qual descreverei as circunstancias em que reputo por necessario o uso dos medicamentos auxiliares de que acabo de fallar.

¿ Qual

§. LXXII.

¿ Qual he a quantidade de acidos necessaria para complectar a cura radical de huma febre? Esta pergunta não me parece de natureza tal, que possa resolver-se, por quanto nunca conheceremos a somma exacta das potencias irritantes, devendo nestes casos ser o seu successo a nossa unica regra. Pertence, pois, á perspicacia dos medicos determinar a applicação, e uso dos acidos, por tal que se consiga a cura sem offender nenhum orgão. Sería ridicularia exigir-se de mim, que marcasse as quantidades dos acidos, com que se pode sanear esta ou aquella febre em certo espaço de tempo. A administração destes medicamentos dependerá sempre do medico sabio e allumia-

miado, tantoque o homem ignorante obrará sempre cegamente e ás apálpadélas.

§. LXXIII.

He huma regra geral de therapeutica, que cumpre ter sempre presente, que na prescripção dos medicamentos deve haver huma sabia e prudente discrição. Se dará portanto os acidos mineraes (§. LXIV., e LXVIII.) no principio e no crescimento das febres, mas em pequenas e muitas vèzes repetidas quantidades, por exemplo, des huma oitava (60 *grãos portug.*) até meia onça (*tres oitavas e hum escropulo portug.*), misturados com huma ou muitas onças de xarope, e se pode ajuntar-lhes, se as circunstancias o exigirem, algumas oi-

ta-

tâvas de qualquer substancia espirituosa ou irritante (12). Desta bebida se dará huma ou duas colheres de hora em hora, ou de duas em duas horas, e se irá augmentando até meia taça, tendo o cuidado de diluir com agua cada dose, ou de a beber em cima, o que he indifferente. No caso de perigo, ou no momento de crise cumpre dar no mesmo tempo des huma oitava (*sessenta grãos portug.*) até duas oitavas (*huma oitava e dous escropulos portug.*) (§. XL., L., e LX.), até cem gottas, e repetir-se a bebida quando o exigir o caso. Como o acido sulfurico he mais forte do que os acidos muriatico e nitrico, deve dar-se em menor quantidade; pelo contrario sendo o acido muriatico oxygenado mais fraco de todos,

dos, se dará em grande quantidade, isto he, des huma onça (*seis oitavas e dous escropulos portug.*) até duas (*onça e meia, tres oitavas e hum escropulo portug.*) por cada vez de meia em meia hora, ou de hora em hora. Cheguei a tomar deste acido oito onças (*sete onças, cinco oitavas e hum escropulo portug.*) no espaço de quatro horas, e muitos dos meus enfermos o tomaram na dose de doze onças e mais (*dez onças e mais portug.*) no mesmo espaço de tempo, sem que provocasse senão dous ou tres cursos aguacentos.

§. LXXIV.

Vê-se finalmente que a força intensa dos acidos não he realmente essencial; a presença dos

signaes mais ou menos favoraveis deve ser a unica regra que sirva de guia ao medico; ora será necessario diminuir, ora augmentar a dose; e qualquer que seja a força ou a fraqueza dos acidos se poderá sempre remediar segundo as circunstancias. Com tudo para a exacção das resultas he melhor usar-se do acido, cuja força seja constante e bem conhecida (13). No tocante ao uso mais ou menos dilatado do medicamento pertence tambem ao medico, visto que a practica póde offerecer infinitas variedades. No segundo volume dos *Casos das enfermidades* marcarei mais particularmente a quantidade, que tenho dado em cada huma dellas.

§. LXXV.

Como algumas vezes os enfermos sentem tanto o sabor forte e desagradavel dos acidos, que carecem de grandes cautélas para os tomar, he necessario diluillos e enfraquecellos com sufficiente quantidade de agua ou adoçallos com algum xarope, advertindo-se todavia que elles estão enfraquecidos. Será mais facil de dar o acido em grande quantidade ao enfermo, que estiver em perigo, aproveitando esta circunstancia. Da pouca cautéla com que ás vezes o medico dá o acido, resulta as gretas dos beiços e da superficie interna da boca; estas gretas com tudo devem attribuir-se de ordinario a huma disposição para a esfoladura originada da violencia e malignidade da

mo-

molestia. Quando se dá os acidos a tempo com as cautélas, que tenho declarado, não se deve temer a excoriação do estomago, por quanto elles tem muito maior affinidade com as substancias fluidas e gazozas, que, durante a febre, existem sempre no estomago e nas tripas, do que com o carbonio de que consta a teia destes orgãos. O uso dos acidos embota immediatamente os dentes, porém he incommodidade, que nada prejudica. Exceptas as enfermidades chronicas, nas quaes ella mostra algumas vezes que he preciso descontinuar o seu uso.

§. LXXVI.

Bem que os signaes do *Successo favoravel*, depois do uso do aci-

acidos sejam extremamente varios e inconstantes; com tudo deve-se contar como annuncio do proximo restabelecimento da saüde, quando sobrevém á crise perigosa, os symptomas seguintes: vomitos apenas se acaba de engolir, borborinhos na região do ventre, grande cópia de ventosidades, camaras ás vezes violentas, elevação do pulso, augmento ou diminuição do calor, suores, salivação, excreção maior de urina, tranquilidade notavel, somno, &c. mas sobre tudo, recobramento dos sentidos que se tinham perdido. Deve-se conjecturar igualmente bem da proxima cura, quando recáe em hum somno cheio, pacifico, durando o qual, a velocidade do pulso se diminue e aquieta. Em quanto aos indicios mais circunstancia-

dos,

dos, veja-se os meus *Casos das enfermidades.*

§. LXXVII.

Eis-aqui o que a observação me tem ensinado atégora ácerca dos signaes mortaes: nodoas ou pintas no corpo e na cara; hum olho meio aberto, e outro paralyticado ou fechado; a cornea, que ao principio com o uso dos remedios era mais clara, agora está novamente turva; diminuição do sentimento, depois de huma vez recobrado, e ao mesmo tempo a cara cadaverica, ou, como se diz *hypocratica*; crescimento do estertor; intercadencia, inconstancia, desigualdade do pulso. Todos os outros symptomas, que os medicos reputam por signaes de morte, me tem pareci-

cido incertos , e a sua resulta ora favoravel , ora funesta , quando não acompanhavam aquelles , que acabo de expôr ; em todos os casos porém he necessario cotejar huns com outros symptomas e sommallos ; o que unicamente póde adquirir-se pela larga e laboriosa experiencia. Em huma palavra , deve o medico empenhar-se em possuir aquella grande e singular arte de individuar , e seguramente prognosticar , cousa , que todas as regras da therapeutica não podem ensinar.

§. LXXIX.

Os principios expostos nesta memoria devem considerar-se unicamente como os pontos cardeaes do meu systema das febres , e que são os mais importantes ao pra-

cti-

ctico, por tal que meditando-os grangeará a arte de tratar felismente todas as enfermidades conhecidas com o nome de *febres*, entre as quaes conto a *hydrofobia*. Reservo para outra obra; que sairá á luz com o titulo de *Doutrina das febres* a desenvoltura e explicação mais ampla dos ditos pontos. Talvez que me reprochem por ter applicado a quimica á medicina; mas eu já defini o que entendia pela palavra *quimica*, e a amplidão que lhe dava (§. VI.) Julgo esta applicação tão essencial que estou assaz convencido de que a ella deverá a medicina os seus utilissimos descobrimentos, A experiencia em fim tem comprovado o que eu olhava sômente como probabilidade. Os feitos appoiaram as minhas conjecturas, e confesso

que

que não conheço prova mais segura, nem menos equivica. O meu systema, se na verdade he hum systema, tem além disso a util vantagem de reunir todos os outros em hum só ponto. Tendo empregado toda a minha vida na investigação dos meios, que podiam ser uteis aos homens; dar-me-hei por bem pago das minhas fadigas e dos meus penosos trabalhos, se alguns me devem a sua existencia. Termino esta memoria por hum summario das utilidades que julgo resultam do meu methodo de curar as febres, summario que eu já fiz ante a commissão real.

§. LXXX,

A primeira destas utilidades he que, mediante os principios, que estabeleci ácerca da constitui-

tuição organica do homem, se poderá erguer hum edificio menos imperfeito em fysiologia e em pathologia, do que aquelle, que atégora tinhamos; os que desejarem conhecimentos mais amplos, recorram ás obras de *Humboldt*, *Reil*, *Schelling*, e *Ritter*, os quaes, depois do meu descobrimento, seguiram mais ou menos o mesmo rumo,

§. LXXXI.

A segunda das ditas utilidades he que se poderá daqui em diante observar todas as enfermidades febrís, sem exceição, debaixo de hum ponto de vista mais exacto, curallas com maior segurança e promptidão, evitar em brevissimo tempo o perigo, em todos aquelles casos em que não es-

estiverem lesos os orgãos necessarios á vida, e em que não houver nenhuma particular complicação; e em geral abbreviar o termo da enfermidade e obviar os symptomas mais penosos. Não procurarei aqui de captivar a opinião dos medicos; eu lhes tenho exposto as razões que me obrigaram a olhar as febres sob hum novo ponto de vista; a elles tóca discutir estas razões e ver se a experiencia as confirma. Nem tenho pretendido dar hum meio, cuja efficacia fosse infallivel em todos os casos; para isso sería necessario exceder a raia do homem; tudo quanto posso certificar a este respeito, he que em infinitos casos em que, segundo as indicações *semeioticas* conhecidas, não havia que esperar, consegui com o meu methodo cura-

rativo o perfeito restabelecimento. Cumpre ter feito as experiencias, que eu tive occasião de fazer, para entender-se que poucas horas bastam para desvanecer o perigo. Nem careço de explicar agora o que entendo por perigo; todos os medicos sabem o que por esta expressão se deve entender; unicamente advirto que attendo mais ao *essencial* do perigo do que á sua *fórma*. Antigamente reputava-se por symptomas de perigo imminente, os sobresaltos dos tendões, a *carphologia*, os soluços, o estertor, a cara cadaverica ou hyppocratica, e então se administrava os irritantes volateis, os antispasmodicos, e os antisepticos, que se julgavam bem indicados; jámais eu ousaria substituillos com os acidos mineraes, se indicações galvani-

cas

cas e os principios estabelecidos *a priori*, não me tivessem de alguma sorte assegurado anticipadamente a sua efficacia nos mesmos casos. Outros medicos viam nestas circunstancias espasmos, humoros gotosos ou rheumaticos, cumulos de saburra, ou hum gasto do poder vital, da incitabilidade, &c. e eu em tudo isto não vejo senão falta de oxygeneo, e em consequencia practíco o meu methodo curativo. Estou convencido ser possivel que hum medico, ou por comprehender mal os meus principios, ou por não attender devidamente ao progresso da enfermidade possa ter na practica resultas penosas; mas em tal caso será elle só o tachado, porquanto eu atrevo-me a prometter huma práctica felicissima a todo o medico, que seguir exacta-

ctamente o meu methodo curativo.

§. LXXXII.

A terceira utilidade, que resulta dos meus principios, he que a curação de muitas enfermidades reputadas atégora por incuraveis ou ao menos por perigosissimas, poderá aperfeiçoar-se muito, e esperar-se com fundamento da sua perfeição huma cura radical. Estas enfermidades são aquellas, que pertencem mais particularmente á classe das febres, indaque offereçam certas complicações, a saber, a *hydrofobia*, a *peste*, a *febre amarella*, a *tisica do bofe*, e em geral todas as *febres lentas* ou *hecticas*. Na verdade depois do meu descobrimento não se me offereceo occasião de tratar das tres primeiras; porém

rém o successo completo que a experiencia me offereceo em todas as outras especies de febres, he, a meu ver, huma grandissima probabilidade. Demais muitos pontos do seu antigo curativo, me provam que a sua curação deve ser conforme á theoría geral das febres. Advirto aos medicos que nos casos de hydrofobia julgo essencial dar os acidos antes que se tenha declarado algum attaque. Tenho curado muitos tisicos com o uso só dos acidos mineraes. Nestes casos a febre contínua he consequencia mui natural da chaga dos bofes, chaga, que se oppõe á introducção da quantidade necessaria de oxygeneo; a exacerbação, que nesta enfermidade se observa de tarde, e durante a noite, assim como em todas as outras febres, procede de estar

então o ar atmosferico mais carregado de azoto. Fundado eu nesta observação lhes dava o acido sulfurico na dose de huma onça (*seis oitavas e dous escropulos portug.*) n'uma só noite, e o acido muriatico na dose de onça e meia (*huma onça e duas oitavas portug.*) ; no dia seguinte sentiam-se alliviados, indaque na vespera estivessem em summo perigo, e assim os curava com o uso moderado destes medicamentos, quando o estado dos seus bofes permittia esta cura. Durante toda a curação eu lhe fazia tomar, de duas em duas horas, quinze, vinte, trinta, até quarenta gottas de acido sulfurico ou muriatico, em agua, ou em xaropes, ou ainda melhor em aguardente ou em alcohol, e todos os dias passavam melhor e tão robustos

 quan-

quanto o seu estado permittia. Eu me exprimo assim por causa da maior ou menor lesão dos seus bofes, por quanto se esta lesão he notavel, se os bofes scirrosos obstam á entrada do oxygeneo, a cura he então impossivel, visto não caber no poder do medico a reproducção das partes organicas; nestes casos he assaz inutil fazer respirar o gaz oxygeneo; e o unico meio de prolongar a vida destes desaventurados consiste no uso interno dos acidos. O que acabo de dizer da tisica do bofe, compete a todas as febres lentas (14).

§. LXXXIII.

A quarta utilidade consiste em poder tratar-se daqui em diante por methodo seguro, simples,

e

e mui economico, as febres nervosas conhecidas com o nome de *podres*, as *dysenterias*, as *enfermidades* dos *arraiaes* e dos *hospitaes*. Huma velha experiencia des largo tempo tinha feito reconhecer a utilidade do acido sulfurico, dado em pequena dose nestas sortes de febres (15); mas como se usava delle misturado com os tonicos, os antisepticos, attribuia-se a estes exclusivamente a sua cura, e todavia empecia-se a acção deste acido pelo hydrogeneo, e pelo carbonio das substancias com que se dava. Como se ignorava o principio dos acidos, que cura a febre, e o seu modo de obrar, todas as vezes que ao uso dos acidos sobrevinha flatulencia, ou diarrhea, suspendia-se logo este uso; sendo elles então, como atraz se vio, importantissi-

 mos,

mos , possuindo a propriedade de neutralizar e de expulsar as substancias muito irritantes de que procedem estes fenomenos. Em fim , eu penso que a dysenteria , na qualidade de febre complicada com huma doença particular , demanda ser tratada com os acidos ; unicamente permittia no começo da enfermidade o vomitorio , ou as purgas pelas razões allegadas (§. LXXV.). Disse precedentemente como se podia accelerar a cura combinando-se os acidos com o alcohol , ou aguardente ; ninguem ignora quanto estas ultimas substancias são ricas de oxygeneo. (16)

§. LXXXIV.

A quinta utilidade , que resulta immediatamente da precedente (§. LXXXIII.) , consiste

em

em poder os medicos dos exercitos impedir a origem e o progresso de huma parte destas enfermidades, tanto quanto está no poderio dos homens. Conseguir-se-ha este fim dando-se aos soldados, principalmente no tempo das fadigas, do máo tempo, ou de outras circunstancias nada favoraveis, hum elixir similhante aô de *Haller* por *diaria ração*; com este meio se prevenirá as enfermidades terriveis, que roubam mais soldados ao estado do que as guerras mais homicidas.

§. LXXXV.

A sexta utilidade he que as bexigas, o sarampo, a escarlatina, a tosse ferina ou convulsiva, e as outras enfermidades das crianças serão muito menos perniciosas,

sas, a sua mortandade será muito menos notavel, o que constitue huma septima utilidade, que tenho por huma das mais preciosas á sociedade.

§. LXXXVI.

A grande mortandade das crianças, depende, a meu entender, da falsa supposição que no seu estomago existem acidos, e por isso se receitam os alcalis ou os absorventes, cura esta que tenho por excessivamente perniciosa. Apenas acontece huma vez de cem que exista neste orgão similhante acido; he sempre huma sorte de formação de acido carbonico, durante a qual, separa-se o calórico, que produz na boca do estomago a sensação dolorosa conhecida com o nome de py-

pyrosis, ou *ferro quente.* Ora nes-
te caso, os alcalis não podem fa-
zer mais do que palliar a moles-
tia, por quanto sómente absor-
vem o acido carbonico. Tenho por
tanto abandonado a curação al-
calina nas enfermidades das crian-
ças, e des este momento não me
morreram mais do que tres. Nas
enfermidades epidemicas os acidos
mineraes, dados em grande dose,
produziram effeitos assaz maravi-
lhosos; não são estes os unicos
casos em que eu os dou; a ex-
periencia a mais feliz me con-
venceo da sua utilidade em to-
dos os acidentes, que acompa-
nham a saída dos dentes ou a
dentição, nos vomitos, nos casos
em que ordinariamente se presu-
me a existencia de hum acido, em
algumas especies de convulsões,
na tosse ferina ou convulsiva, na
fla-

flatulencia ; e como as crianças tomam com muita difficuldade os medicamentos de sabor algum tanto desagradavel , será necessario disfarçar aquella do acido sulfurico , misturando-o com maior quantidade de xarope e de agua ; o acido sulfurico se dará na dose de trinta grãos até duas oitavas (*oitava e meia e doze grãos portug.*) tomando o doente duas colheres da mistura de duas em duas horas. Quando me sirvo do acido sulfurico concentrado , ou do acido muriatico , não o dou senão de trinta até sessenta grãos , e sirvo-me do alcohol para vehiculo. Havendo dores dou o laudano liquido de *Sydenhão* , ou a tinctura de ópio. Escuso de recommendar a utilidade dos clisteis , do vomitorio e das purgas em alguns casos. Torno a fallar

des-

desta ultima prescripção, porque, tendo as crianças grande repugnancia ao que fere o seu paladar, he muitas vezes impossivel de lhes fazer tomar a quantidade necessaria á sua curação. Não se deve temer de dar os acidos ás crianças nos casos mais extremos; muitas vezes os vi com o estertor da morte, frios, a respiração intermittente, e serem salvos por este meio; o acido muriatico com as differentes especies de ether, ou qualquer outra substancia volatil oxygenada me tem sobretudo vindo a effeito.

§. LXXXVII.

A oitava utilidade, que resulta do meu methodo de curar as febres, he a reforma feliz, que causará na curação das outras

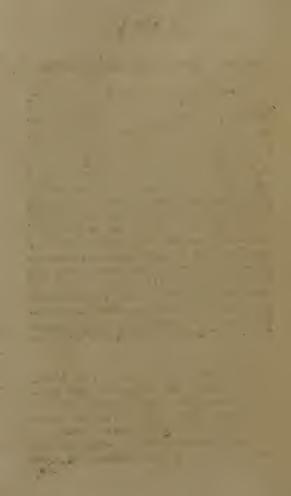
tras

tras enfermidades sem febre. Com effeito não ha, a meu ver, senão duas classes de enfermidades: as universaes, isto he, as febres, as enfermidades locaes ou organicas; ora muitas vezes acontece que estas derradeiras se mudam em febres, ou são acompanhadas de febres; então póde admittir-se o meu methodo curativo pelos acidos, junctamente com todos os outros medicamentos, que se costuma prescrever nesta sorte de enfermidades. Não proponho pois hum remedio universal; como parece que entenderam os membros da commissão real; aponto sómente hum meio de curar as febres, o qual, a meu entender, póde applicar-se a todos os casos em que houver complicação de febres com outras enfermidades locaes.

Fi-

§. LXXXVIII.

Finalmente a derradeira utilidade, que não deve desprezar-se quando os meios propostos offerecem as mesmas resultas, he a economia nas despezas. Até ao presente o Estado tem sido obrigado de fazer grandes despezas com os remedios exoticos; eu mostro hum meio assaz simples de se escusarem; a simplicidade na curação deve ser hum dos fins do medico illustrado, e eu a reputo por huma utilidade grandissima, e digna da sua attenção.

NO-

NOTAS.

NOTA GERAL.

A Obscuridade desta memoria no original alemão, mormente na exposição da parte systematica, obrigou ao D.or *Marc* de cingir-se na versão francez ao sentido do autor, e não ás suas proprias expressões; a frequente repetição do mesmo, fez que aquelle supprimisse as repetições, e se remettesse pelos números aos paragrafos em que repartio a mesma memoria, nos quaes são expostos os principios a que se refere. Eu na versão portuguez segui a trilha do D.or *Marc*.

(1) Eu não creio, diz o D.or *Marc*, como o autor, que a quimica vital guarde as mesmas leis, que a quimica *inorganica* guarda; facil he de provar com effeito que a força vital póde operar mudanças, que não concordem com as nossas leis quimicas, 1.° porque, sem embargo de todas

as

as analyses das materias excretorias e secretorias, não cabe em nosso poder de os preparar fóra do corpo organico animado; 2.º por quanto os feitos tirados da observação da natureza mostram que, depois dos acidos sulfurico e nitrico, o acido muriatico he o que tem maior affinidade com os alcalis, de sorte que os muriatos de soda, de potassa e de ammonia, não podem decompor-se senão por aquelles dous acidos; todavia vemos que as plantas marinhas, dotadas certamente de menos *vitalidade* do que o corpo animal, decompõem o muriato de soda, e adquirem o alcali mineral ou soda, que se combina com o seu acido vegetal. Transportando-se pois estas plantas para lugares remotos do mar, nao dao mais do que potassa como todas as outras plantas, o que prova que a soda ou alcali mineral provém do muriato de soda ou sal marinho contido na agua do mar.

(2) O ar atmosferico he hum composto de 0,24 de gaz oxygeneó e de 0,76 de gaz azoto, proporçao, que varía des 0,22 até 0,28 do primeiro, e des 0,76 até 0,72 do segundo. Além destes dous gazes, elementos primitivos do ar atmosferico, acha-se neste des hum até tres centesimos de outro fluido elastico, conhecido

com

com o nome de acido carbonico, não fallando na agua, no calórico, na luz: no fluido electrico, magnetico existentes sempre na atmosfera, sem que sejam partes essenciaes della. O gaz oxygeneo ou ar vital he o oxygeneo fundido no calórico: chama-se oxygeneo porque muitos corpos que o sorvem, convertem-se em acidos, e ar vital por ser o unico fluido elastico que entretém, e conserva a vida. O gaz azoto he o azoto combinado com o calórico; chamase *azoto* por privar os viventes da vida.

(3) Confesso ingenuamente que não entendo como o azoto suspendendo o movimento muscular, exhaurindo o poder vital ou a incitabilidade, e matando rapidamente os animaes, possa reputar-se pelo *principio vital*, *irritante*, *incitativo*, *e positivo ou real*. ¿ Acaso o seu effeito será tão rapido, violento e invisivel como o do raio, que augmentando sobremaneira o incitamento, gaste n'um momento a incitabilidade, produza a debilidade indirecta e alfim a morte? Muito menos posso entender como o oxygeneo, que incita o poder vital, augmenta e reforça o movimento muscular, e he em summa hum energico e poderoso incitativo, seja o *principio vital moderador ou debilitante*, *temperante* e *negativo*. Não

mo

me quadram as razões do autor, e todavia concordo com elle na practica.

(4) O autor, diz o D.or *Marc*, reconhecendo que a base do muriato de soda ou sal marinho he desconhecida, ¿ como póde asseverar que esta base he hum dos elementos do corpo humano? Similhante asseveração parece ao menos atrevida, sendo certo que a fuligem, que resulta da combustão dos animaes mantidos com hervas salgadas, contém huma certa quantidade de muriato de ammonia ou sal ammoniaco. (Ora eu não entemdo, como o D.or *Marc*, que o autor falla da base do muriato de soda, a qual he assaz conhecida, mas sim do seu acido, cujos principios ainda se ignoram se por ventura não os mostrar *Davy*.).

(5) Lembro-me, diz o D.or *Marc*, de haver dado, ha annos, o fosforo internamente com tal successo, que excedeo as minhas esperanças; o enfermo era de setenta annos de idade, e padecia huma febre *ataxica* ou maligna perigosissima; o uso do fosforo o livrou immediatamente deste estado. Em tal caso pois não he á combustão do fosforo e á sua mudança em acido fosforico, que, segundo a theoria do autor, deva attribuir-se a cura desta febre.

Tal-

Talvez se dirá que sería mais simples dar o acido fosforico, e que o fosforo empregado, longe de produzir o oxygeneo, devia combinar-se com o oxygeneo dos fluidos com que teve contacto? A esta dúvida respondo que attribuo a cura da dita febre á separação do oxygeneo; e que ha casos, a meu entender, em que esta separação póde effeituar-se dando-se substancias muito combustiveis, e por tanto facilmente acidificaveis. (Muito tempo ha que os Inglezes começáram a usar do fosforo como medicamento incitativo, nós espamos, na epilepsia, na mania, na etiguidade, nas febres asthenicas, já desfeito em oleo fixo, já em amendoada, e sobretudo no ether: os Francezes e Italianos tem igualmente usado delle com feliz successo; sendo dignas de ler-se as obras, que em 1811 publicou o D.or Martineli, a memoriá que vem entre as da sociedade da emulação de París, e o Jornal de Coimbra do mez de Abril e seguintes de 1812).

(6) *Carphologia* ou *Carpologia* certo movimento das mãos, com que alguns enfermos, especialmente os moribundos, parece que arrancam com os dedos o cotão dos cobertores e dos vestidos, apanham folhas e pennas, e caçam moscas. Este movimen-

o, que muitos autores olharam como convulsivo, he mais effeito da illusão da vista, que começa a turvar-se e extinguir-se. Cumpre que eu advirta que, observando este movimento em enfermidades, que não mostravam perigo, sempre me assustou em quanto não descubri que em hum enfermo era effeito do costume de rezar por contas, e n'uma enferma de tirar ou fazer fios para feridas e chagas.

(7) Não he novo o uso do acido muriatico ou marinho, como remedio prestante nas febres e n'outras enfermidades. Já *Glauber* se empenhou em introduzillo na practica medica, e com exaggeração tal das suas virtudes, que não foi acreditado. Todavia, reputado constantemente este acido pelo mais fraco dos acidos mineraes, delle se tem usado internamente, 1.º enfraquecido com agua, já como optimo refrigerante ou antiflogistico, já como incitativo, roborante, antiseptico, &c.; 2.º misturado e destillado com o alcohol a que se chamava, espirito de sal doce, ether marinho sem embargo de existir sempre o mesmo acido, mais ou menos enfraquecido: era tambem mui louvada a tinctura antefebril de *Cluton*, em que, além do acido vitriolico ou sulfurico entra o acido marinho, o alcohol,

bol, &c., cuja composição se póde ver na minha Farmacopéa Lisbonense. Lembro-me de que meus mestres os Senhores Doutores Antonio José Pereira, Antonio José Francisco de Aguiar, Lentes de medicina práctica na Universidade de Coimbra, faziam largo uso desta tinctura nas febres, e que aproveitava aos enfermos. Este acido misturado com o vinho constituia noutro tempo o famoso segredo do prior de *Cabrieres*. Foi notavel o prestimo do mesmo acido dado na tinctura aperiente de *Meibomio*, a qual, segundo diz *Hoffmman*, he huma solução do sal marinho ou muriato de soda com excesso do seu acido, e que *Cullen* suppria dissolvendo meia onça do dito sal em quatro onças de agua, a que ajuntava duas oitavas do acido marinho ou muriatico fortissimo, e desta mistura dava huma ou duas colherinhas em hum copo de agua para augmentar o appetite e suspender os vomitos. A potente virtude deste acido reduzido a vapores para corregir os lugares inficionados, e destruir os miasmas e effluvios malignos, contagiosos, de que se originam as febres malignas, he assaz conhecida, sendo preferivel o acido muriatico oxygenado, até nas enfermidades gallicas. Não fallo nas suas virtudes bem conhecidas, applicado externamente; nem na utilidade que delle se co-

 lhe

lhe botado na agua que se bebe a bordo das embarcações, e que se póde ler no *Tratado da saúde dos povos* do D.or Sanches; o qual fundado nos experimentos do D.or *Addington* (*An essay on the scurvy London* 1753), affirma ser o acido muriatico ou espirito de sal o mais seguro remedio, e tambem o mais facil, deitando-se duas até tres gottas delle em cada meia canada de agua, ou huma onça a cada dozé almudes; e quando se não usar desta precaução com a agua fresca, se poderá usar da mesma quantidade de espirito de sal quando apodrecer no mar, e conforme a maior, ou menor corrupção se poderá augmentar a quantidade do dito espirito.

Se nos portos do mar (diz o D.or *Sanches*) houvesse tal providencia, que se achasse espirito de sal ordinario em abundancia, cada qual com hum frasquinho de crystal; que levasse de quatro até seis onças, com tampão da mesma materia, e huma caixinha de páo, teria com que corregir toda a agua que bebesse pelo espaço de seis mezes, mettendo a cada quartilho duas ou tres gottas, mais ou menos, conforme fosse necessario para emendar o máo cheiro, e a podridão desta bebida; e se ao mesmo tempo deitasse huma colher de aguardente na mesma agua ficaria huma bebida leve-

men-

mente azeda e com vigor, e gosto agradavel, e serviria de remedio a todas as queixas, que sobrevém no mar. —— O espirito de sal he o soberano remedio para corrigir, e emendar a podridão dos navios, &c.

(8) O nome de *agua forte*, que geralmente se dava ao acido nitroso ou espirito de nitro, e a sua qualidade corrosiva, foram sem dúvida o motivo de não usar-se delle muito tempo como remedio. O que, segundo *Cullen*, foi hum erro, por quanto este acido convenientemente enfraquecido com agua, pode empregar-se com segurança, e goza de todos os poderes e virtudes dos acidos em geral. Temos hum exemplo do seu uso no *nitrum nitratum* de Boerhaave, no qual existe maior quantidade do acido que a necessaria para a saturação do alcali vegetal ou potassa, e de que o mesmo *Cullen* fez frequente uso como remedio refrigerante agradavel. Porém, depois que se perdeo o horror á sua qualidade corrosiva, e se vio que esta se podia corregir, adoçar, e destruir, começou-se a usar delle, misturado com agua e assucar, já como efficaz remedio refrigerante, já como incitativo, roborante e antiseptico nas febres vulgarmente chamadas *podres* ou *malignas*, e n'ou-

n'outras muitas doenças. A agua azedada com o acido nitrico diluido, diz o D.or *Roberto Graves*, (*a conspectus of the London, Edinburgh, and Dublin pharmacopaeias*), he huma das optimas bebidas antiflogisticas e antisepticas nas enfermidades febrís e no *typhus*, em que o seu uso tem muitas vezes produzido notavel utilidade. Cumpre advertir aqui que ha quarenta e quatro annos, eu mesmo tomei o dito acido com agua e assucar, em vez de limonadas, nas viagens que fiz de mar, nos dias calmosos, e que sempre o tenho dado nas enfermidades febrís, em doenças de pelle e gallicas, tendo alfim conhecido por observação, ser mais energico e proveitoso no clima quente e humido da Bahia. Em summa, he este acido mui recomendado pelos medicos e cirurgiões inglezes nas referidas febres, na *hepatitis chronica*, e com especialidade nas doenças gallicas, como se póde ver em *Beddoes'*, *a collection of testimonies respecting the treatment of the venereal disease by nitrous acid*. O mesmo acido reduzido a vapores desinficiona os lugares inficionados de exhalações e particulas podres, malignas e pestilenciaes, e ha autores que o preferem ao acido marinho ou muriatico.

(9) O *acido fosforico*, reputado por afrodisiaco ou incitativo venereo, he recommen-

mendado por *Lentin* na etiguidade purulenta; e delle se usa como incitativo e antiseptico, e como refrigerante. Veja-se o Jornal de Coimbra, mez de Maio de 1812.

(10) Certo que nenhum medico confiou ainda ou confiará unicamente na virtude dos acidos vegetaes, quer nativos, quer artificiaes, para sanear *febres hum pouco graves*; e todavia não póde entrar em dúvida a sua salubridade já como alimento, já como remedio refrigerante, já como brando incitativo, antiseptico, util nas febres esthenicas e asthenicas, na dysenteria, no escorbuto, &c. A sua utilidade estriba na experiencia de todos os seculos, e na constante observação dos practicos, que delles tem usado, misturados com agua e assucar, por bebida ordinaria, sempre que o calor do corpo he preternatural. A extraordinaria abundancia, que ha dos mesmos acidos, isto he, das fructas, que os contém, nos paizes e nas estações quentes, comprova a dita utilidade nas referidas doenças, e a providencia da natureza, a qual onde dá o mal, dá logo a mezinha. Não obsta ao seu uso o hydrogenio e o carbonio de que elles constam, porque tambem existe nelles o oxygeneo, e quando a virtude de hum remedio he appoiada na verdadeira observação;

ção, frustraneos são os argumentos de subtilisadores de theorias. Demais se estes acidos não convém em razão dos ditos principios; porque determina que se ajunte aos acidos mineraes substancias espirituosas como o alcohol, &c. que abundam de hydrogeneo e de carbonio? Lembro-me de ler a dissertação da febre podre de *Kirby*, medico inglez, na qual, depois de recommendar muito o acido vitriolico ou sulfurico diluido, asseverava que se curaria mais facilmente se os inglezes possuissem os limões, que os portuguezes possuem. As virtudes do sumo de limão, poderoso e agradavel antiseptico, crescem muito, diz o D.or *Wright*, saturando-o de sal commum ou muriato de soda, e recommenda esta mistura, como medicamento efficacissimo, na dysenteria, na febre remittente, na colica, na esquinencia, e quasi especifico na diabetes e na lienteria. He porém de notar que nos acidos nativos existe certa materia fermentavel, a qual, sendo recebida no estomago com inclinação para a accscencia, o acido padece certa fermentação acompanhada de flatulencia, de maior azedume e de outros symptomas da dyspepsia ou indigestão, sem que todavia se diminua a sua virtude refrigerante, ou resulte grande mal ao systema, afora nos casos de gota, ou de

pe-

pedra nos rins, em que a diminuição do vigor do estomago póde ser nociva. Ao ponto em virtude desta inclinação acescente do estomago, sendo o azedume maior, e talvez de huma natureza singular, unindo-se com a cholera ou mais depressa com a sua soda ou alcali mineral, póde formar hum sal purgativo, o qual, ajudado daquella materia verde, resinosa, que ficou solta, mediante esta nova união, occasioné a menor ou maior diarrhea e as dores de tripas, que algumas vezes acompanham a operação purgativa. Estes inconvenientes porém remedeam-se quasi sempre ajuntando aos mesmos acidos certa quantidade de qualquer licor espirituoso ou aguardente, o que constitue o ponche optimo incitativo. Finalmente a respeito dos acidos vegetaes quer fermentados, quer nativos e dos fructos, não posso dispensar-me de transcrever aqui o que diz o citado Sanches, a saber, a provisão de vinagre em hum exercito havia de ser tão consideravel, que igualasse á da farinha, azeite, e sal. He erro dizer-se que o vinagre he o vinho podre, ou corrupto. O vinagre não he mais que o mesmo vinho fermentado huma vez mais. — He erro introduzido vulgarmente nos medicos, ignorantes da quimica, o dizerem que o vinagre coalha o sangue; pelo contra-

tra-

trario o dissolve : o vinagre misturado com o vinho, ou alguma porção do aguardente, ou só, ou desfeito na agua, he o mais universal, e soberano remedio em todos os males, que tratam os cirurgiões; nas feridas, fracturas, deslocações, fluxos de sangue, herpes, &c; interiormente resiste á podridão do fel, e dos mais humores; he sudurifico, principalmente misturado com alcanfor. — Os exercitos Romanos usavam do vinagre, misturado com agua, por bebida ordinaria que chamavam *Posca*. *Pescenius Niger* Imperador o ordenou assim por lei militar, como refere *Spartiano*. Deveria o Soldado levar com sigo nas marchas hum frasco de vinagre como leva ordinariamente outro com agua: lhe serviria para refrescar-se, e corrigir as aguas ás vezes encharcadas, e impuras, que he obrigado beber por todo o tempo da campanha, e além de ser tão util, e necessario para a bebida, lhe serviria tambem de alimento. — Bem me parece ser superfluo indicar as virtudes dos limões, e laranjas azedas aos Portuguezes intelligentes: todos sabem o soberano remedio, que são contra as molestias do mar, e quanto resistem á podridão dos humores. — Eu não conheço remedio mais excellente na cura de todas as febres, como são os limões azedos: parece que a

Sum-

Summa Providencia fez tão abundantes delles todas as terras meridionaes, e entre os tropicos, com tal maravilha, que tanto mais o clima he ardente, mais azeda he esta fructa: o seu azedo tem huma excellencia, que não se acha nem no vinagre, nem nos tamarindos, nem em algum espirito mineral destillado, como são os de vitriolo, de sal, e de enxofre; consiste pois em que ao mesmo tempo he aromatico: no limão existe hum oleo aromatico penetrante, mais na casca que no sumo, o qual he juntamente azedo; estas duas propriedades unidas refrescam, e emendam a podridão dos nossos humores, e provêm a transpiração e a evacuação das urinas. — Destes sumos, isto he, espessos para se conservarem, diz o mesmo Sanches, se poderiam fazer excellentes bebidas contra as febres, camaras, desmaios, ictericias com febre, desfeitos em agua com assucar, e huma leve porção de aguardente, de tal modo, que a bebida ficasse agro-doce, com o gosto de aguardente: serviria tambem para corrigir a podridão da agua, misturando ao mesmo tempo algumas gottas de aguardente: seria a mais saudavel bebida sobre o mar, e a mais salutifera contra todas as doenças, que se experimentam navegando, principalmente entre os tropicos.

Ain-

(11) Ainda quando a minuciosa analyse da quina, feita por *Fourcroy*, na qual o Doutor *Reich* pretende escorar tambem a sua theoria do oxygeneo, não apresentasse productos manifestamente formados pela reacção dos principios, durante a mesma analyse, ou pela acção dos reactivos; e que na quina existisse essa cópia de oxygeneo, que o Doutor *Reich* suppõe, está no estado de combinação com os mesmos principios, que, a seu entender, obstam á virtude do oxygeneo, a saber, o hydrogeneo e o carbonio, que entram na composição dos acidos carbonico, oxalico, citrico, malico, acetoso, que *Fourcroy* tirou da quina, além do carbonio e do sulfato e muriato de potassa. Muito embora attribuam *Reich* a virtude da quina e de outras cascas ao oxygeneo existente nellas na razão directa da sua densidade, *Westring* ao tan, *Seguin* á gelatina, *Deschamps* ao cinchonato de cal, *Duncan* ao *cinchonio*; eu attribuirei constantemente a poderosa virtude incitativa permanente da quina á combinação de todos os seus principios constitutivos proximos, em quanto não houverem observações, que mostrem que, dados separadamente, a sua acção he mais energica que a da quina em pó, ou daquellas suas preparações, que encerram maior número des-

destes principios. Os feitos ou as observações verdadeiras e os experimentos são os appoios firmes e seguros em que deve estribar a virtude de hum medicamento, e não os raciocinios illusorios e as analyses quimicas, que de ordinario são bases ruinosas das suas virtudes e outros tantos motivos do erro. Com effeito não conhecemos melhor as virtudes da quina depois da minuciosa e forçada analyse que fez della *Fourcroy*, e das que fizeram *Mirabeli*, *Cadet*, *Maton*, *Vauquelin*, *Duncan* e outros do que sem ellas conheceram *Morton*, *Torti*, *Werlhof.* A quina diz J. *Murray*, tem sido muitas vezes analysada, mas os seus principios constitutivos proximos não estão atégora bem determinados *Cinchona has often subjected to chemical examination, but its contituent proximate principles are still not Well determinet.*

(12) Tendo o autor no §. LXVIII. desapprovado os acidos vegetaes por conterem hydrogeneo e carbonio, neste diz que se as circunstancias exigirem, pode ajuntar-se aos acidos mineraes algumas oitavas de qualquer substancia espirituosa ou irritante, a saber, de aguardente ou espirito de vinho, de aguardente de canna, cachaça, genebra, &c., cuja base he o alcohol; que

que consta de hydrogeneo e de carbonio, e daquella quantidade de oxygeneo, que forma a agua, que na sua composição entra. Em summa não ha substancia alguma irritante sem hydrogeneo e carbonio.

(13) O uso dos aréometros, que mostram o pezo especifico dos liquidos e determinam a sua força, he tão conhecido e frequente em frança e inglaterra como desconhecido e rarissimo ou nunca practicado entre os nossos boticarios: assique essa força constante que o autor consideradamente requer nos acidos, para a exacção das resultas, a não poderemos conseguir dos ditos boticarios, variando por tanto os acidos, na sua força e pureza. He sabido que o acido nitrico ou nitroso, que elles vendem, está sempre inquinado do acido marinho ou muriatico e do sulfurico ou vitriolico, e não se cançam com purificallo. Não ha muito tempo que, receitando eu o acido marinho ou muriatico, para alguns enfermos, vim a saber que tomavam o nitroso, o qual he muito mais activo e forte que aquelle; este engano ou ignorancia dos boticarios poderia prejudicar se eu tivesse determinado certa dose do acido, e não costumasse fazer azedar com elle huma determinada quantidade de agua com assucar

car até ficar huma bebida agri-doce; e se por ventura as virtudes dos acidos mineraes não fossem semelhantes. Em consequencia da referida falta do conhecimento e uso dos aréometros não se pode jamais conseguir que o alcohol, o espirito de vinho ou aguardente, &c, em que se fazem as tincturas e outras preparações, tenham aquelle gráo de força, que se requer, segundo os principios e a natureza dos ingredientes.

(14) Muito tempo ha que se usa dos acidos na tisica, especialmente do acido vitriolico ou sulfurico, misturado com as substancias espirituosas, que o autor aqui aponta em contradicção do que disse no §. LXVIII. O elixir de vitriolo acido de *Mynsicht*, publicado com encomios, tem sido geralmente recebido na practica dos melhores medicos: *Antonio de Haen* o deu algumas vezes com fructo por muitos annos na tisica, e hoje se dá ainda na mesma molestia, na etiguidade purulenta, mormente quando os suores são copiósos, ou só em agua, ou misturado com a quina. *Cullen* porém prefere o acido sulfurico diluido a este elixir, asseverando que não pode conhecer neste primazia em razão dos aromaticos: eu, sem embargo de notar na minha

nha farmacopéa lisbonense as imperfeições desta preparação, ainda não deixei de fazer uso delle naquellas e noutras enfermidades, attendendo unicamente ao acido, que os enfermos de boa mente, e sem temor tomam.

(15) Verdade he que nem os antigos medicos, nem os modernos davam o acido vitriolico ou sulfurico nas febres com mão tão larga como o D.or *Reich*, mas tambem não eram mesquinhos na quantidade. Confiavam sobre maneira nas suas virtudes, e o misturavam com agua, cozimentos, ou xarope, e assim usavam delle ja como remedio refrigerante e antiflogistico, ja como medicamento incitativo, roborante, adstringente, antiseptico, &c, nas febres, hemorrhagias, sarna, e noutras enfermidades. Este acido era a ancora medicinal de sydenhão nas bexigas, e tambem de *Tissot*. O prudente practico *Quarin* recorre muitas vezes a elle e o dá com mão larga em varias doenças. Verdade he tambem que nenhum medico confia sómente nas suas virtudes para curar as enfermidades, e que ao mesmo tempo recorrem a outros remedios reputados por igualmente ou mais efficazes, mas quem jamais em huma molestia grave ousará por a sua esperança em hum

só

só remedio? Nem o autor, que tanto exaggéra as virtudes dos acidos, confia nelles, pois recommenda que se lhe ajunte outras substancias quando as circunstancias exigirem, ou se use de outros remedios, como purgas, vomitorios, &c. Lembro-me ao ponto de ouvir a hum estudante de Coimbra, que seu mestre, lente de practica na universidade, pretendendo refutar a doutrina de *Brown*, que alli começava a conhecer-se, e mostrar que os acidos eram capazes de curar as febres podres ou *typhus* escolhera para exemplo hum enfermo accommettido de *typhus*, e começou a tratallo sómente com o acido sulfurico ou vitriolico atéque alfim morreo. Que immitavel exemplo!

(16) Pelo contrario todos ignoram essa supposta riqueza de oxygeneo no alcohol, na aguardente, &c. e sabem que estas substancias constam de muito hydrogeneo e carbonio, e que nao contém mais oxygeneo do que aquelle que entra na composição da agua, que anda sempre misturada com as ditas substancias. Parecia que constando a agua de 0, 85 de oxygeneo e 6, 15 do hydrogeneo, e por conseguinte, contendo maior quantidade daquelle do que qualquer dos acidos mineraes, devia ser mais efficaz e

 ener-

energica nas fobres do que os mesmos acidos, mas como estes sómente se dão em agua, nesta mistura se dá o oxygeneo de todos os ingredientes.

F I M.